

RESENHA

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, trad. Ricardo Quintana, 2005.

Nos últimos tempos, o inglês e a internet se tornaram a grande conexão entre os diferentes povos, tornando mais fácil a comunicação entre as pessoas, criando assim, um elo entre indivíduos de diversas partes do mundo. A língua inglesa e o *internetês* (língua usada majoritariamente na internet) causaram uma grande revolução na linguagem mundial.

David Crystal é um grande estudioso da língua inglesa, palestrante e linguista, escritor de vários livros a respeito da língua. Entre suas mais de vinte obras, Crystal escreveu *O futuro da linguagem*, tema que segue as discussões do livro a ser resenhado, e *A linguagem e a Internet*, outra obra que faz parte do pensamento do autor, referente aos últimos acontecimentos que vem ocorrendo na linguagem e as vastas consequências que podem ser acarretadas na sociedade. O autor é um grande entendedor do tema e entre suas muitas obras destacam-se: *Dicionário de linguística e fonética*, *O que é linguística?* *A linguística, pequeno tratado sobre a linguagem humana*, entre outras.

O público dessa resenha consiste em profissionais da área de letras, como professores já formados, com mestrado, doutorado ou não, e também os graduandos, mestrandos e doutorandos. Também é indicado para os que estão fazendo pós-graduação na área, além dos professores de língua inglesa sem graduação, dos pesquisadores da área de linguagem e tradutores em geral.

Com o intuito de abordar questões voltadas à revolução experimentada pela língua atualmente em grande parte do mundo, o livro *A revolução da linguagem*, organizado por David Crystal, traz questões sobre um possível debate sobre essas modificações e as amplas consequências que isso pode ter. No momento atual, a busca pela preservação de uma identidade é válida, e é isso que Crystal mostra ao longo de seu livro. Ele primeiramente escreve como se deu as modificações nas línguas, com a influência do *internetês* e do inglês, por exemplo. Posteriormente ele explica as consequências dessas influências, e no seu ver, elas podem ser bastante negativas devido a possível extinção de algumas línguas, e com ela a identidade de alguns povos. Ele expõe a falta de preocupação da maioria dos países com a preservação das línguas, e sua crítica é verdadeira, pois não se houve falar de muitas atitudes tomadas em prol da preservação das línguas, e ainda afirma corretamente que existe a preocupação

com a extinção dos animais, da flora e da fauna, porém a preservação das línguas não é vista com a mesma atenção.

Logo no prefácio, Crystal explica objetivamente qual seu intento no livro. Baseando-se em três outros livros de sua autoria, *English as a global language*, *Language death e Language and the Internet*, ele enfatiza o inter-relacionamento dos livros e proporciona uma visão atual das tendências linguísticas discutidas nos três livros anteriores. Vale lembrar que o autor sabe que muitos talvez não tenham lido os três primeiros livros, porém ele deixa claro sua mensagem, sem a necessidade da leitura anterior dos os três livros para entendê-la. *A Revolução da linguagem* possui linguagem fácil e apresenta nos três primeiros capítulos os resumos dos três trabalhos anteriores.

Dividido em cinco capítulos, a obra de Crystal debate as formas como essas mudanças vem acontecendo na língua e os profundos efeitos que isso pode causar no mundo. O autor demonstra seu ponto de vista a respeito das transformações ocorridas na língua nos capítulos *O futuro dos “ingleses”, O futuro das línguas, O papel da Internet, Depois da revolução e Temas linguísticos para o século XXI*.

Na Introdução David Crystal aborda a influência da escrita, da imprensa, da telefonia e das transmissões de rádio e televisão na língua. Ele afirma que a internet é o último meio que obtém influência sobre a língua e o mais revolucionário de todos, tornando indispensável para o autor escrever um capítulo só para ela: *“O papel da internet”*. Ele também fala sobre o fato do inglês ser a primeira língua verdadeiramente global no mundo e sobre a natureza das revoluções, como elas afetam a todos, inclusive sobre a abordada no livro, relacionada à linguagem.

No primeiro capítulo *O Futuro dos ingleses*, Crystal expõe sua opinião de maneira certa a respeito do porquê do domínio da língua inglesa. Ele afirma que uma língua se torna mundial por uma razão apenas, o poder das pessoas que a falam. Devido ao poder socioeconômico dos Estados Unidos e alguns países europeus de língua inglesa, esses países obtêm maior influência global, incluindo por meio de sua língua. Para o escritor, quando alguém aprende inglês não está aprendendo somente a se comunicar em outra língua ou obtendo mais chances de se colocar melhor no mercado de trabalho, ele também está adquirindo prestígio ao falar também a língua dos países dominantes, e o autor afirma isso corretamente. A frase de Crystal: “O dinheiro fala, e a língua em que ele mais falava era o inglês” (p.25), explica resumidamente sobre o que o autor aborda no primeiro capítulo.

No segundo capítulo, *O Futuro das línguas*, Crystal comenta a respeito do futuro das Línguas, e da necessidade de sua preservação. Na opinião de Crystal, existe no século XXI uma grande possibilidade de existir uma “família de línguas” inglesas, visto que o próprio inglês já deixou de ser propriedade de uma nação, e é influenciado por todos que decidam usá-lo. Crystal acertadamente faz essa afirmação, e não é difícil observar que essa lógica é racional. Os puristas creem que não é benéfico absorver palavras de outros idiomas, pois se perde a identidade da língua, contudo o autor habilmente afirma que isso não passa de uma falácia. Entretanto apesar dessa afirmação, o autor considera inteligentemente que a “língua velha”, deveria ser vista como fonte de orgulho e identidade, mesmo quando ela já não for mais tão utilizada. A preservação da língua para ele deveria ser conscientizada nas rádios, em canais de televisão, e em textos acadêmicos, e em outros meios de comunicação possíveis dessa mensagem ser transmitida. O escritor corajosamente afirma que a iniciativa linguística mais crítica a ser tomada no novo milênio seria essa conscientização das pessoas a respeito da preservação das línguas.

O terceiro capítulo, *O papel da Internet*, coloca em discussão a facilidade atual que temos para nos comunicarmos com múltiplas pessoas ao mesmo tempo, e as consequências disso na fala. Nesse contexto, erros de digitação, textos sem revisão e pontuação são comuns devido à velocidade com que precisamos passar as mensagens atualmente, e isso é claro, interfere na escrita. O autor descreve detalhadamente tudo que está acontecendo no mundo da internet, abordando a introdução de novas palavras na língua como: *netzens* (algo como cidadãos da internet), e *cybersurfers* (algo como surfistas cibernéticos), por exemplo. Erroneamente, o autor tenta criticar de forma modesta a falta de uso de pontuação ou uma possível revisão de texto, por exemplo, visto que um bom usuário da língua não terá problemas com isso, tomando cuidado com o destinatário da mensagem, se é um chefe, ou um amigo de infância, por exemplo. Contudo, Crystal menciona que a internet é o veículo ideal para línguas minoritárias ganharem espaço, e isso é uma tábua de salvação que poderia ser muito importante para elas, já que ficou muito mais fácil dar alguma publicidade a uma língua minoritária numa rede social, a fim de dar visibilidade ao problema sem depender de um meio de comunicação de mais difícil de acesso, como a televisão. Outra oportunidade advinda da internet, sabiamente mencionada pelo autor, é a facilidade que ela traz entre a comunicação das línguas “menores” que possuem web sites que estimulam comunidades virtuais de falantes dessas

línguas. Ou seja, a internet facilita claramente a proposta trazida pelo autor: da preservação das línguas.

David Crystal, no quarto capítulo, intitulado *Depois da revolução*, trata das consequências de toda essa revolução da língua, depois de ter sofrido influência da internet e do inglês, que também influenciou muito a língua num contexto global. O uso do inglês norte-americano e britânico, citados pelo autor, já não são mais os únicos a serem seguidos na atualidade, e Crystal afirma corretamente que isso não atinge só o professor de línguas, mas que todos que estão sentindo as incertezas de um mundo linguístico que muda rapidamente. Um comentário inusitado do escritor é a indagação sobre quantas pessoas iriam chorar pela morte de uma língua como choram por causa de uma espécie de animal que está desaparecendo. Apesar de excessivamente dramático, não se pode deixar de pensar que o comentário do autor é válido. Crystal expõe mais uma vez sua opinião de forma exagerada no livro com a frase “Enquanto estivermos aqui, enquanto o vale estiver aqui, enquanto nossa cultura estiver viva, a língua e seu ensino serão parte do que fizermos. É nossa responsabilidade” (p. 120). Apesar de piegas, a expressão do autor não deixa de ser importante, haja vista que a língua representa a cultura de uma nação, e deve ser defendida absolutamente. Crystal ainda defende a criação do Dia Mundial da Língua ou o Dia Internacional da Língua Materna, o que é uma ideia muito inteligente para disseminar a importância das línguas de origem, preservando a pluralidade cultural, e o escritor ainda cobra das escolas e da mídia uma maior propagação dessa importância, a fim de evitar o que o autor chama exageradamente de “fenômeno” da morte das línguas.

O pesquisador propõe para o quinto e último capítulo, *Temas linguísticos para o século XXI*, um debate sobre a falta de homenagens à língua, como uma “galeria” dedicada à língua. Ele cobra das autoridades um espaço onde as pessoas poderiam ver o processo de como a língua funciona, como é usada e como se desenvolve, o que seria uma ideia muito interessante se fosse concretizada. Crystal vai ao cerne da questão da falta de interesse maior pelas línguas ameaçadas, cobrando apoio político e financeiro para que melhores medidas sejam tomadas para a preservação das línguas. Ele afirma categoricamente que a língua representa a identidade do falante e é audacioso quando menciona que ela deve ser tratada com respeito pela cultura dominante, sendo ela uma língua “menor” ou não. O autor talvez esteja fazendo uma crítica ao sistema de sua cultura dominante, que a seu ver, se impõe contra a cultura de menos poderio mundial. Crystal só esquece aqui que apesar de fomentar o uso das línguas

“menores” pelo falante ele não pode *segurar* o processo do progresso que ocorre em todas as áreas, inclusive no meio linguístico. Talvez o autor tivesse que ter mais cuidado ao afirmar que o falante da língua nativa quer usar sua língua em público e vê-la valorizada, pois em nenhum momento ele dá provas disso ao leitor. Seria apropriado se um falante de língua aborígene quisesse usá-la a maior parte do tempo, e a maioria das pessoas não o entender, correndo o risco até de ser excluído? Seria mais fácil impor ao outro que aprendesse sua língua de origem e não que todos se unissem a uma língua só para uma maior facilidade de comunicação?

Crystal, às vezes, parece mais propor um mundo utópico do que funcional. Ao mesmo tempo, ele fomenta a valorização das variedades e estilos de uma língua como um todo, o que causaria um maior respeito entre as pessoas, e um maior tratamento entre elas como igual, como se não houvesse uma língua melhor que a outra, e sim diferenças que enriqueceriam o contexto cultural. O autor reflete sabiamente no final que é preciso aceitar as mudanças na língua como um processo natural. Ele mesmo menciona que a mudança é inevitável, que as línguas não melhoram nem pioram, apenas se modificam. Entretanto, a afirmativa do autor que a “língua” é ensinada numa aula e a “literatura” em outra é válida, e é terreno vasto para discussão. Ele manifesta sabiamente opinião contrária às escolas e universidades que criam uma fronteira entre as duas áreas. Ele sabe que o desenvolvimento da sociedade deve ser apreciado, porém afirma que certas coisas deveriam ser tratadas como tesouros nacionais, como as línguas.

Uma das contribuições do livro está em mostrar para o leitor a falta de preocupação com as línguas, as consequências que isso pode causar, e que isso talvez nem tenha sido pensado pela maioria. Um segundo ponto positivo é a forma como o autor detalha cada momento que influenciou as línguas ao longo do tempo, como a internet, o amplo uso da língua inglesa e a revolução que se deu por conta desses fatos, fazendo uma completa trajetória das principais mudanças que ocorreram nas línguas e ainda fornecendo explicações ricas sobre o assunto. Uma terceira contribuição do livro é trazer à tona a falta de preocupação do governo, dos meios de comunicação e das escolas e o quão relegado a segundo plano é o cuidado com as línguas, sejam elas “menores” ou não, pois elas representam a identidade de um povo, e não somente caracteres utilizados para a escrita. O livro é recomendado para estudantes do curso de Letras, professores de Letras, Línguas, Linguística, historiadores e também é indicado para professores mestrandos, doutorandos, ou já formados e traduto-

res, já que o tema sobre línguas e suas modificações interessam a todos esses profissionais, de uma forma ou de outra. O livro é muito simpático principalmente para os alunos do curso de Letras, pois desde o começo da carreira como docentes é importante adquirirem um conhecimento sobre a situação, para uma possível discussão mais profunda a respeito do futuro das línguas. É significativa a consciência sobre a dimensão da situação abordada por Crystal, incluindo as possíveis consequências e atitudes que esses estudiosos podem tomar para tratar do caso.

Ivana Matias do Nascimento
Liceu Literário Português
blonde.ninha@gmail.com